

A intersecção urbana latino-americana: intelectuais e antropofagia

Eva Cristina Franco Rosa dos Santos
Universidade Federal de Goiás
firstruth87@gmail.com

Pensar a cidade, para quem também olha para a história intelectual e da movimentação dos intelectuais, especialmente no campo dos intelectuais da Antropofagia, subcorrente vinculada ao Modernismo¹, é uma forma de trazer uma base física – na tridimensionalidade da cidade, ou ainda no plano mental do projeto da cidade, ou em sua topografia – para estudos que no geral têm por fontes suportes em papel, suportes editoriais. Sondar o desenho que a movimentação intelectual, cujo rastro está na *Revista de Antropofagia*, faz pela cidade real é um trabalho que une suporte e cidade, papel e pedra, mundo das letras e trajetórias urbanas.

Ao falarmos da Antropofagia, faremos referência ao termo *campo*, no sentido de Bourdieu, por entendermos que tal construção teórica é interessante, já que, para o autor, o campo intelectual artístico, apesar de submetido a um macro campo de intelectuais de diversos outros ramos, tem uma autonomia parcial diante deles. Tal pode ser observado, por exemplo, no caso em questão, em que o campo da Antropofagia, estando vinculado ao macro campo Modernista e das Vanguardas de uma forma geral, os quais, em seus turnos, estão vinculados aos campos da Literatura e das Artes de forma mais ampla, ainda assim expressam uma autonomia uns em relação aos outros. Essa autonomia é permitida por mecanismos para se livrar de suas pressões, o desenvolvimento de uma capacidade de refratar, onde o grau de autonomia está diretamente ligado ao poder de refração e retradução. Esses mecanismos criam e são criados pelo campo de forças e lutas de conservação ou transformação desses campos, que são deformados e, portanto, formados, pela atuação dos agentes, os intelectuais. A estrutura do campo é orientada pela distribuição do capital simbólico do mesmo, que, ao fim e ao cabo, é definido por quem é mais citado nas revistas, referendado nas conversas de café, o peso na malha dos autores com quem mantém diálogo, com que discursos se vinculam.²

A Antropofagia é composta por fontes ensaísticas, como os ensaios de Oswald de Andrade dos anos 1940 e 1950, fontes hemerográficas de 1928-1929, como os exemplares da *Revista de Antropofagia* antes e depois de anexada ao jornal *O Diário de São Paulo*, fontes pictóricas, como as pinturas de Tarsila do Amaral da série *Antropofagia*, e fontes testemunhais, como os relatos de vivência e memorialísticos de Raul Bopp, que foi gerente da *Revista de Antropofagia*. Ela tem em seu nome – termo vinculado a uma metáfora da deglutição canibal para reivindicar o estatuto do local diante do geral – a desforra da imagem do índio projetada sobre a condição de intelectuais brasileiros, latino-americanos, do ramo das letras e das artes.

A Antropofagia abrigou, portanto, várias fases e, especialmente em sua fase mais ensaística, pode ser entendida como uma filosofia da história, uma vez que tenta dar um sentido à existência do ser humano, como pode ser observado a partir do ensaio *Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira - O Homem cordial*, em que Oswald atribui a cordialidade observada por Sérgio Buarque de Holanda em seus escritos ao traço matriarcal da cultura brasileira, que apresenta, para o intelectual, um duplo sentido de cordialidade e agressividade, características que formariam o típico ser humano local, brasileiro, que seria, para Oswald, uma variação do primitivo, uma maneira de estar no mundo periférico sem uma metanarrativa clássica das sociedades cristãs.³ Não obstante, Oswald cria, para desfazer-se dessa metanarrativa, uma outra com uma utopia que se vinculou ao seu presente de modernização técnica, mas voltando-se para um passado longínquo, onde se encontravam, em sua utopia, as sociedades matriarcais primitivas.

Desta feita, composta por um programa minuciosamente projetado, como bem assinala Raul Bopp em suas memórias, e abrigando também teses como o Rio Amazonas, a Mussangulá, o Berro, a Libido brasileira⁴ etc., concílios, bibliotequinha com as principais obras que representariam sua veia de pensamento, além de reuniões no solar de Tarsila, a “arca antropofágica”, segundo Bopp, escolhera São Paulo para se acostar. Daí, temos em seu depoimento a importância da cidade, do ambiente urbano.⁵

O Modernismo, segundo McFarlane e Bradbury, que fizeram um importante apanhado do estado do Modernismo no mundo entre meados do século XIX e do XX tem em si uma forte ligação com o ambiente da cidade. É ela que permite um espaço

de criação e de concepção desse novo universo estético.⁶ No Brasil, apesar de estarmos focados na Antropofagia que tem seu início em 1928, desde as primeiras revistas modernistas em 1922 já é possível observar esse apelo à cidade. A Revista *Klaxon*, por exemplo, traz em suas capas arrojadas um desenho gráfico em que o nome da cidade de São Paulo aparece destacado e entremeando o grande 'A' vertical e desproporcional que confere originalidade e quebra com padrões estéticos tradicionais desde essa revista. Numa revista inteiramente pensada em termos gráficos, com um desenho desenvolvido de forma propositada e minimalisticamente orquestrado, o nome da cidade de São Paulo aparece da mesma forma e com o mesmo destaque nas capas de todos os números.⁷

Percebe-se então que esse apelo à cidade também esteve presente no Modernismo pátrio. No entanto, se o Modernismo de 1922 é uma ode à cidade e tecnologia a partir das quebras estéticas, o de 1928, com a Antropofagia, é uma tentativa de abrigar o obscuro que está expresso no encarar do outro, do reverso do meramente europeu, presente na metáfora do índio canibal, nos estudos de Freud efetuados pelos intelectuais que colaboravam para a revista, de Oswald de Andrade a Plínio Salgado⁸, na abertura do campo da Antropofagia para intelectuais de diferentes cidades dos mais diversos estados brasileiros e países, os quais foram publicados na revista.

Entre os intelectuais de outros países da América Latina que foram publicados na *Revista de Antropofagia* estão Maria Clemência⁹, de Buenos Aires; Nicolas Fusco Sansone¹⁰, de Montevideu, além de críticas da autoria de Antônio de Alcântara Machado ao escritor de Buenos Aires Pedro Juan Vignale¹¹, e de Montevideu, Humberto Zarrili e Montiel Ballesteros¹². Grande parte desses nomes vinculou-se ao campo modernista em suas respectivas cidades e países. Como se pode ver, a Antropofagia referenciou essas outras localidades em seus textos e publicações e, dessa forma, construiu um desenho entre cidades brasileiras e de outros países da América latina.

Bopp testemunha que as andanças do movimento antropofágico iam das livrarias às alamedas dos cafés, como o Café 15, passando pelo solar de Tarsila, onde estavam centradas as reuniões do clube de Antropofagia, na rua Barão de Piracicaba em São Paulo, à Rua Benjamin Constant, logradouro sede da editoração da *Revista*

de *Antropofagia*. Havia um desenho da cidade de São Paulo efetuado pelo movimentar dos intelectuais da Antropofagia que a percorriam e nela viviam suas experiências, ao passo em que havia um desenho entre localidades, entre cidades, expresso na própria *Revista de Antropofagia* em si, pelas contribuições enviadas pelos diversos intelectuais para compor suas seções, especialmente em sua primeira edição que, com dimensões de 32 x 22,5 cm, recebeu um número de 56¹³ intelectuais de todo o Brasil, de países da América Latina e também da Europa, que contribuíram com poemas, desenhos, bilhetes e resenhas. Como dito por Haroldo de Campos, esses intelectuais:

São bárbaros alexandrinos, provisionados de bibliotecas caóticas e de fichários labirínticos. A biblioteca de babel pode chamar-se Biblioteca Municipal Miguel Cané e estar provisoriamente instalada num modesto quarteirão de Buenos Aires, uma localidade (“pardacenta e tristonha ao sudoeste da cidade”), onde Borges¹⁴ serviu como obscuro funcionário e em cujo porão costumava refugiar-se da mesquinhez cotidiana, entregando-se furtivamente a leituras infinitas... Ou então acomodar-se plenária na Capilla naviforme de Alfonso Reyes, na Cidade do México, uma bibliocasa onde se enclausurou, por cerca de vinte anos, com suas estantes copiosas, um leitor viajadíssimo e insaciável... Ou ainda em São Paulo, na rua Lopes Chaves, no bairro da Barra Funda, onde Mário de Andrade preenchia suas fichas de leitura e redilhava de notas as margens das páginas que compulsava entre partituras de Schoenberg e Stravinski, coletâneas de expressionistas alemães e futuristas italianos, tomos de Freud e tratados folclóricos...¹⁵

Esses artistas partiram das bibliotecas, livrarias e de suas revistas para uma experimentação da cidade de uma forma muito única. Foram boêmios, intensos, gostaram, em maior ou menor grau, de chocar, quiseram viver da forma mais permissiva, começaram a experimentar a cidade, a ter nela seu palco aberto, uma maneira de vivência, uma consciência diversa de vivência e de autopermissão, eles se autorizaram viver veementemente nela. Estar na cidade para esses intelectuais foi como um ato de experimentação. A arquitetura que, no Brasil, aos poucos se modernizava, as ruas que se alargavam, o uso dos primeiros automóveis, o choque com o aspecto indomável do rio, do selvagem, da floresta, tudo isso fora colocado à prova, à experimentação por esses intelectuais. O Modernismo, em sua primeira fase, foi isso exatamente, a experimentação da cidade; já a Antropofagia trouxe novidade a essa experimentação. Ela permitiu que esses artistas encontrassem o não observado até então, o obscuro, o indomado. As imagens do rio e da floresta, do outro, presentes em toda a *Revista de Antropofagia* permitem observar isso. É o que pode ser notado

pela fala de Tarsila abaixo transcrita, presente nas memórias de Bopp, onde expõe os motivos da Antropofagia:

Vamos descer à nossa pré-história obscura. Trazer alguma coisa desse fundo imenso, atávico. Catar os anais totêmicos. Remexer raízes de raça, com um pensamento de psicanálise (...) poderemos atingir uma nova estrutura de ideias. Solidários com as origens. Fazer um Brasil à nossa semelhança, de encantamentos profundos.¹⁶

A busca pelo obscuro a partir da profundidade psicanalítica voltou-se ao passado canibal da época cabralina, dos rituais antropofágicos dos tupinambás e caraíbas, para descortinar o novo. Descortinar os mundos mágicos da floresta, estudar as formas base de culto e rituais das raças que eles entenderam como raças brasileiras, o branco, o índio, o sertanejo, o negro, a lista é grande, para criar uma síntese própria, a síntese antropofágica. Bopp, com base em sua vivência em várias regiões do Brasil, disserta, diante de toda aquela imensidão e brutalidade dos rios e matas da Amazônia, que:

[...] os moldes métricos serviam para dar expressão às coisas do mundo clássico. Mas deformam ou são insuficientes para refletir, com sensibilidade, um mundo misterioso e obscuro, com vivências pré-lógicas. Precisava-se, por isso, romper com essas limitações; ensaiar qualquer coisa em linguagem solta, em moldes rítmicos diferentes.¹⁷

Na Antropofagia, a permissividade da quebra da métrica ou dos padrões pictóricos se imiscuía à permissividade da vida boêmia, do relacionar-se com a tecnologia nova do rádio, do cinema, da luz elétrica e das reformas urbanísticas de diversos desses intelectuais, desaguando, como o excerto acima de Bopp demonstra, na imensidão de sentimentos trazidos pelo confronto com imagens dos rios, das matas, das florestas, do universo primitivo e encantado dos canibais, coroados como novos heróis do ritual moderno de produção e quebra de sentidos que tais intelectuais performavam a partir de suas publicações. Havia uma continuidade entre esse ritual editorial e o caminhar desses intelectuais nas cidades.

As seções da *Revista de Antropofagia* traziam um traçado do movimento intra e intercidades que ela abarcava. Pela análise dessas seções, é possível entender como esse desenho era operado. Isso pode ser facilmente observado, por exemplo, a partir da Seção Balcão. Tal seção apareceu a partir do terceiro número da primeira edição, fora destinada à compra e venda de livros. Ela foi dividida em três partes,

uma para expor propagandas de livros de outros vendedores, outra para livros da própria redação da revista e outra para fazer conhecer os livros que os editores da revista estavam procurando. Balcão é de especial importância para esse estudo, pois mostra um esforço por espalhar determinada cultura literária, que é uma parte importante do combustível da Antropofagia e de diversas outras vanguardas.

Com o tempo, especialmente a partir do número 5, a seção Balcão trazia o endereço dos intelectuais que colaboravam com a revista e queriam receber tais livros. Dessa forma, a rede ganhava uma dimensão física explorada na referência a esses logradouros na revista, como aconteceu no caso de Yan de Almeida Prado, que citava onde ficava exatamente o endereço, na Avenida Brigadeiro Luis Antonio em São Paulo¹⁸, no qual gostaria de receber os livros que alguma boa alma fizesse a gentileza de enviar para ele. Ou ainda os endereços das casas de livros que comercializavam as obras entendidas como obras importantes para as construções antropofágicas, como a casa de livros Universal, na rua 15 de Novembro em São Paulo.

A questão aqui não é exatamente mostrar uma novidade das publicações da Antropofagia ou do Modernismo de revista no sentido de trazer endereços das cidades de seus contribuintes, mas notar como a necessidade de trazer as localidades citadinas nas publicações mostra um tipo de sensibilidade que está em conformidade com os relatos de vida desses intelectuais, e das histórias que sobressaem de suas publicações em poemas, prosas, romances, quadros, como também notar que a quantidade de cidades referendadas na *Revista de Antropofagia* cresceu vertiginosamente se comparada ao periódico de Belo Horizonte *A Revista*¹⁹, publicado entre 1925-1926, por exemplo.

Além da presença dos nomes das cidades acompanhando os dos poetas das diferentes localidades, e dos logradouros e ruas como na seção Balcão, há também a presença da cidade, como ente que se constrói no mesmo passo da construção do poeta em si, nos diversos conteúdos da revista, como no trecho que segue o qual retiramos da seção de Crítica de Alcântara Machado, seu editor, a respeito dos escritos de um dos intelectuais de Cataguazes, Henrique Rezende. Segue:

Não sei se como engenheiro é bom poeta. Mas sei que como poeta é bom engenheiro. Seus versos são solidamente construídos sobre leito bem

empedrado. Nem falta o rolo compressor de uma auto-crítica severa. E esses caminhos têm sombras para a gente repousar a vista tonta da luz das paisagens.²⁰

No trecho acima, é possível observar a relação entre engenharia, o ofício de Henrique Rezende, a construção da cidade e a construção do poema. Por ser engenheiro, Rezende constrói, literalmente, a cidade. Alcântara Machado, esse editor da *Revista de Antropofagia* que, na referida seção de Crítica, sempre presente na página 4 em todos os números da primeira denteção da revista, confere aos diversos intelectuais, que de uma maneira ou outra participam do campo, olhos e lentes para que os mesmos conheçam as mais diversas localidades e seus respectivos intelectuais relevantes ao campo antropofágico²¹, estabelece, a partir de sua crítica, uma relação de continuidade, por intermédio das letras, no suporte editorial, entre o poema e a cidade. Ambos são construídos pelo mesmo intelectual, a subjetividade deste intelectual liga o traçado e concepções estéticas dos poemas à realidade física da cidade.

Diante dessa profusão de intelectuais e cidades – são 15 as cidades cujos intelectuais colaboraram para a revista sobredita –, elegeremos Buenos Aires, Recife, Fortaleza e São Paulo como cidades representativas desse movimento que a Antropofagia gerou por ilustrarem a relação entre modernização, Modernismo e regionalismo, por um lado, e a relação entre Antropofagia e América Latina, por outro. Abordaríamos todas as outras localidades e centros de intelectuais, mas isso fugiria aos propósitos e dimensões desse artigo.

Assim, resta sondar algumas problemáticas no que tange a essas cidades eleitas para a compreensão dos mundos citadinos que a Antropofagia colocou em contato, em interface, a partir de sua revista, compreender um pouco o mundo urbano desses diversos locais e o que eles revelam sobre a historicidade da Antropofagia.

Buenos Aires vivia um conflito entre o que era periférico e o que era central na cidade. As reformas urbanas à *la* Haussman não permitiam um espaço confortável para as camadas populares. Nesse contexto, os bairros se transformaram em centros políticos e dotados de identidade, num cenário em que a elite *criolla* não permitia que as camadas populares ocupassem o centro. Os moradores da periferia, como os do bairro de Boedo, traziam, portanto, do centro, as novidades. Foi no bairro, portanto, que os moradores trespassaram o tracejado mecânico e quadrangular da cidade

moderna, ocupando os espaços da forma que bem entendiam, segundo suas solidariedades e costumes, reivindicando os elementos modernos que conseguissem e quisessem trazer do centro, em atos que remodelavam esses aspectos da cidade moderna.²²

É um movimento semelhante ao de Xul Solar, que trouxe da Europa para Buenos Aires, nos primeiros vinte anos do século XX, uma concepção de cidade que, em seu território e a partir de sua imagética subjetiva, poderia ser aplicada de maneira mais livre em sua periferia do mundo.²³ Na verdade, desde o projeto de cidade do socialista utópico Owen que há mais elaboradamente esse sonho de realizar no território da América aquele projeto de cidade e urbanismo que não é possível realizar na Europa em si.²⁴ Nesse sentido, a *Ciudad Lagui* de 1939 de Xul Solar, com seus arranha-céus que possuem escadas para o sol, é uma nota da música do intelectual perante a cidade. Por isso, Sarlo diz que a cidade foi um palco de sonhos de difícil alcance, significou o palco desses intelectuais, não foi apenas mais um tema na vida desses intelectuais do campo modernista portenho, mas seu próprio paradigma, sua base conceitual. Para a autora, ainda quando estes intelectuais retratavam o campo, como no caso do gauchismo tão recorrente naquela região, seu espaço era a cidade, narravam o campo a partir da cidade, como se a paisagem campestre encarnasse um sonho, uma volta a valores que, na cidade moderna pós-guerra mundial e diante da crise de 1929, perdiam o sentido. Para a autora, o ambiente urbano estraçalhado formata o rural na modernidade, pois é a partir do primeiro que o último é produzido em discurso e expressão pelos intelectuais. Nesse sentido, Sarlo entende a cidade até mesmo como uma espécie de fantasma, um monstro na modernidade, que retira a vitalidade do interior em forma de imagens que serão reinterpretadas para darem vigor ao litoral.²⁵ Certamente, seus intelectuais têm um papel de destaque nessa tarefa.

Para Angel Rama, esse papel do intelectual na cidade moderna latino-americana é bastante importante, uma vez que ele seria o herdeiro daquele que detém o poder das letras, o responsável por ordenar os signos e manter ou criar estruturas de poder, *potestas* que ficava a cargo dos jesuítas no período colonial e passou, conforme a laicização da sociedade urbana acontecia, para um poder temporal ligado a instituições de influência como seminários, colégios, universidades, jornais. Na

cidade letrada, essa que delega um papel importante para as letras, essa do fim do XIX e início do XX, o intelectual das letras, entre eles, o modernista, é o responsável pela condução espiritual das novas mentes urbanas em processo de modernização.²⁶

Dos intelectuais de Buenos Aires, daremos destaque a Maria Clemência. Seu desenho publicado na *Revista de Antropofagia* vem no meio do trecho introdutório de *Macunaíma* de Mário de Andrade, em uma seção que se repete em todos os números, a qual apelidamos de seção Modelo, pois vem sempre com uma rica composição de texto e imagem, que por esse aspecto de montagem porta uma forte carga simbólica, de atração na revista.²⁷ *Macunaíma* de Mário é tão importante para a Antropofagia que, em cartas a Bandeira e a Drummond²⁸, o autor da Paulicéia afirma que, mesmo depois de ter decidido não se identificar com a Antropofagia, Oswald continuava reivindicando o *Macunaíma* como antropofágico. Basicamente, entende-se assim que a obra de Mário ganhou vida própria entre os intelectuais da Antropofagia. Nesse sentido, quando os editores resolveram juntar um dos textos-chave da Antropofagia ao desenho da intelectual argentina, o que eles fizeram foi elevar essa relação cidades brasileiras/Buenos Aires a um nível de importância de destaque na Antropofagia, de modo que, a partir de então, se já não estava claro, pelas diversas alusões dos outros intelectuais às cidades latino-americanas como um todo, que ficasse então que há ao menos um elemento importante para a Antropofagia vinculado a Buenos Aires.

Já São Paulo, no final dos anos 1920 e começo dos 1930, momento que floresce a Antropofagia, viu as reformas de Francisco Prestes Maia, que buscavam modernizar a cidade. Antes dele, em 1867, chegava a São Paulo a *Railway Company*, consolidando uma história de 60 anos de populações que viviam amontoadas entre essa ferrovia, que estava localizada no lado leste do território, e o desenho da inundação provocado pela cheia do rio no vale do Tamanduateí. Até 1915, esse espaço guardava 70% da população com parcas ou poucas condições econômicas de vida, enquanto o lado oeste, o vale do Anhangabaú assentava uma região de privilégios naturais, guardando as camadas econômicas mais altas da população que receberiam as reformas urbanas em Higienópolis, Campos Elíseos e Avenida Paulista.²⁹

Os paulistas são os que em maior número contribuem para a revista. De fato, o movimento lá surgiu e tem, portanto, muitas características ligadas a seus

intelectuais. Entre os principais estão Tarsila do Amaral, que contribui sobremaneira, como mencionado anteriormente, a partir de desenhos seus para a revista, a partir da organização das reuniões festivas dos intelectuais em seu solar, com carga intelectual para a concepção psicanalítica do movimento e com quadros que representarão, na posteridade, o movimento antropofágico pelo mundo. Além dela, também é de grande peso para o campo Oswald de Andrade que, apesar de contribuir com um dos textos mais emblemáticos nessa primeira fase, o *Manifesto Antropofágico*, não tem maior participação em termos de publicação na primeira edição. Não obstante, na segunda edição sua voz ficou bastante presente, uma das poucas que restaram, algo que, aliado aos ensaios de sua autoria produzidos posteriormente³⁰, colocam-no como importante, quando não o principal, porta-voz da Antropofagia.³¹

Os textos dos intelectuais de Recife e Fortaleza não estavam acidentalmente na *Revista de Antropofagia*, eles não foram meros textos escolhidos aleatoriamente e ao acaso num turbilhão de intelectuais possíveis. Como dito anteriormente, havia um plano, planejamento, para a Antropofagia. Dentro desse plano, a revista havia sido criada primordialmente para facilitar a troca de informações e contato com “núcleos intelectuais de vanguarda, nos estados [...] com a *Revista do Norte*, de Recife; a *Maracajá* de Fortaleza.”³² como afirma o relato memorialístico de seu gerente, Raul Bopp.

No que tange a Recife, sua situação urbana, de acordo com Villaça, acontecia da seguinte forma: uma ferrovia se articulava com o porto, e de tal entroncamento tinha-se a formação da região central da cidade litorânea. A burguesia estava centrada ao redor do rio Capibaribe, deslocando-se apenas nos anos 1960 para a orla de Boa Viagem, que então ganharia um traçado moderno. As camadas menos abastadas ficavam, assim como em São Paulo, amontoadas entre o porto, isto é, a água, e a ferrovia.³³

Apesar disso, Recife tem um histórico mais antigo de reformas urbanas que São Paulo. Passou pela reforma de Nassau no século XVII e pelas reformas do Conde da Boa Vista no século XIX.³⁴ Antônio Paulo Rezende afirma ainda que entre seus intelectuais de peso no período, é possível encontrar Joaquim Inojosa, que demonstrava um entusiasmo pela modernidade, uma forma modernista de portar-se diante do ritmo alucinante da cidade que vinha com o automóvel, o cinema, o telefone,

o rádio e, por outro lado, com um pensamento diverso do que norteava as ações modernizadoras da cidade, Gilberto Freyre, que acreditava ser o regionalismo importante para a manutenção da identidade, vendo nas reformas urbanas do Rio de Janeiro uma maneira de abrir mão da própria identidade local.³⁵

Na *Revista de Antropofagia*, há um texto de Limeira Tejo, do Recife, que está dentro dessa percepção regionalista, onde diz que não se deve ensinar ao habitante local do sertão as letras antes de ensiná-lo o trabalho de sua terra. Segue:

Não são os açudes e as estradas que resolvem as nossas eternas questões. Não deixa de ser isso. Mas são sobretudo métodos regionais de educação, medidas inteligentes de aproveitamento. Para fazermos verdadeiramente obra de construção, temos que enxergar o Nordeste como uma região à parte. E especializar então para ela educação, instituições sociais, administração. E isso simplesmente. Uma simplicidade primitiva é o que exigem os problemas da vida primitiva, diz Chesterton. E nada mais primitivo que a vida nos nossos sertões. Querer, por exemplo, alfabetizar essa gente antes de educa-la na prática do trabalho da sua terra, é incorrer na eterna questão de começar pelo fim. Porque o sertanejo só é preguiçoso nos sertões. As fazendas de café em S. Paulo, e os seringais do Amazonas não tiveram braço mais forte. Explica-se isso pelo completo desconhecimento dos recursos da terra por parte deles. A criação é mais um divertimento — é a sua coleção de selos. Criar bois não é cousa que deva ser enxergada como fator econômico positivo no nosso futuro.³⁶

O que fica evidente com essas contribuições de Tejo ao longo dos números da revista é que a grande quantidade de intelectuais era um trunfo para a Antropofagia. Mesmo que os textos saíssem do programa trazido por Alcântara Machado na seção Abre-alas, como dissemos anteriormente – Machado era os olhos e lentes do campo, ou ainda dos textos referência simbólica da seção Modelo – ainda assim eles seriam publicados, deglutidos, para usar vocabulário caro à Antropofagia Literária, para fazer aparecer a vastidão do campo intelectual que a Antropofagia conquistou.

Quanto a Fortaleza, Antônio Luiz Macedo Filho mostra que até 1935 a iluminação proveniente do lampião com combustível a gás funcionava em cooperação com a luz da lua cheia, data em que então houve uma ruptura nesse processo, e os índices de marcação de tempo naturais passaram a ser trocados pelos índices mecânicos. A partir de 1920, Fortaleza passou por projetos de modernização urbana de autoria do arquiteto Adolfo Herbst, funcionário da câmara do município. Em sua proposta, estava a de retificar e disciplinar a planta da cidade em que habitava e, nesse sentido, a Avenida Boulevard da Conceição e a Duque de Caxias despontaram

como corredores urbanos importantes ligados ao complexo projetado conforme normas higienistas, as quais incluíam também o esgoto e a canalização da água que, apesar de um verniz de progresso, imprimiam coerção e vigilância aos cidadãos, servindo como método de controle. Assim é que o traçado xadrez foi recebido por boa parte da população, como contrário ao curvilíneo insubmisso, o qual incluía o lado humano da cidade.³⁷

No Ceará, o tom do Modernismo teve um aspecto mais regional, pelo que se desprende da *Revista de Antropofagia*. O Modernismo no Ceará teve como um de seus pioneiros Mário da Silveira, com o poema de métrica livre *Laus Purissimae* de 1921 que, apesar de um pouco simbolista, tem inovações importantes. É de se destacar também o livro dos cearenses publicado em 1927 de título *O Canto Novo da Raça*, assinado por Jáder de Carvalho, Sydnei Neto, Franklin e Mozart Firmeza, em que o poema introdutório de Jáder faz uma homenagem expressa ao poeta americano Walt Whitman³⁸, responsável por libertar a poesia nos Estados Unidos e adequá-la a um clima urbano e múltiplo, não apenas burguês. O escrito de Franklin para a *Revista de Antropofagia* contém traços de um amor provinciano, um eu lírico que compara o amor de uma donzela a uma manga, a fruta, demonstrando ligação do sentimento com o natural, algo até um tanto passadista, corrente na poética de meados do XIX.

Diante disso tudo, nesse artigo que esteve mais focado na primeira fase da Antropofagia, sua fase em revista, fase de negociações, parece que entre as cidades analisadas que compõem o campo que perpassa a Antropofagia, há uma tensão de forças entre uma elite que vive bem na cidade, seja ela elite da terra ou a elite urbana industrial, esta última, recém-formada e em ascensão e amplas populações marginalizadas e relegadas a ocupar espaços sub-humanos de existência. Em todos os casos, há um movimento de modernização da cidade, que vem acompanhado ou do investimento na ferrovia, algo que muda e degrada a habitação em uma parcela do território das cidades, ou de reformas higienizantes e estéticas no tracejado urbano que causam certa espécie nos habitantes dessas regiões relegadas. Ao passo que essa situação conflitante ocorre fisicamente nas cidades, também é possível enxergar que as contribuições dos intelectuais para a revista revelam uma ambivalência entre a estética, conteúdos regionais, tradicionais, e reformulações e rompimentos radicais nos discursos e imagens retratados pela revista. Desse modo, parece mesmo que a

ambivalência do ambiente físico apresenta uma continuidade com a ambivalência do ambiente criado pelo papel, fruto do processo de editoração da revista, esse primeiro momento da Antropofagia.

Salta aos olhos que esse vagar dos intelectuais os quais ocupavam intensamente as cidades e perfaziam uma intersecção urbana entre as diversas localidades urbanas latino-americanas através dos seus contatos e interesses particulares e grupais, também está expresso no comportamento discursivo entre as seções da própria *Revista de Antropofagia* em si, os conflitos da cidade construída a partir da pedra apresentam uma continuidade com os conflitos que estão expressos na intersecção de cidades construída a partir do papel.

¹ Raul Bopp, encarregado da gerência da Antropofagia em seu primeiro suporte, a revista, usa esses termos para identificá-la, “uma subcorrente do Modernismo”. In: BOPP, Raul. *Movimentos Modernistas no Brasil 1922-1928*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012, p. 81-123.

² BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; BOURDIEU, Pierre. *Os Usos Sociais da Ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

³ ANDRADE, Oswald. Um Aspecto antropofágico da cultura brasileira - O Homem cordial. In: *A Utopia Antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011, p. 216-219.

⁴ Para uma descrição detalhada dessas teses, conferir obra supracitada de Raul Bopp com suas memórias acerca do Modernismo.

⁵ BOPP, Raul. Op. Cit., p. 105-111.

⁶ BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James. *Modernismo: Guia Geral – 1890-1930*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

⁷ KLAXON: Mensário de arte moderna - edição fac-similar. Organização: Pedro Puntoni e Samuel Titan Jr. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014. Reprodução dos originais N 1-9, 1922.

⁸ SALGADO, Plínio. A língua tupy. *Revista de Antropofagia*, 1928, n. 1, p. 6.

⁹ CLEMENCIA, Maria. Desenho de Maria Clemência. *Revista de Antropofagia*, Jun.1928, n. 2, p. 3.

¹⁰ MACHADO, A. de Alcântara. 3 poetas e 2 prosadores. *Revista de Antropofagia*, jul. 1928, n. 3, p. 4.

¹¹ MACHADO, A. de Alcântara. Seis poetas. *Revista de Antropofagia*, mai. 1928, n. 1, p. 4.

¹² MACHADO, A. de Alcântara. 2 poetas e 1 prosador. *Revista de Antropofagia*, nov. 1928, n. 7, p. 4.

¹³ REVISTA DE ANTROPOFAGIA. 1928-1929, n^{os} 1-20. Disponível em: Arquivo Edgar Leuenroth, Unicamp, Campinas.

¹⁴ Borges e sua irmã, Norah, tinham relação direta com Maria Clemência, que teve desenho de sua autoria publicado na *Revista de Antropofagia*. De acordo com livro organizado por Jorge Schwartz, o grupo modernista de Cataguazes viabilizou a relação entre o modernismo brasileiro e o martinfierrista da Argentina. ANTELO apud SCHWARTZ, 1992. In: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Argentinas: Anos 20*. São Paulo: Iluminuras, 1992.

¹⁵ CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & Outras Metas*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 249.

¹⁶ AMARAL apud BOPP, Op. Cit., 2012, p. 121.

¹⁷ BOPP, Raul. Op. Cit., 2012, p. 132.

¹⁸ BALCÃO. *Revista de Antropofagia*, out. 1928, n. 6, p. 8.

¹⁹ A REVISTA. Edição fac-similar. Organização: Pedro Puntoni e Samuel Titan Jr. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Biblioteca brasileira Guita e José Mindlin, 2014. Reprodução dos originais, Typ. Do Diário de Minas, Belo Horizonte, n^{os} 1-3, 1925-1926.

²⁰ MACHADO, A. de Alcântara. Seis poetas. *Revista de Antropofagia*, nov. 1928, n. 1, p. 4.

-
- ²¹ Durante a segunda denteição da revista, quando vem atrelada ao jornal *O Diário de São Paulo*, já não há mais esse peso de Alcântara Machado na mesma.
- ²² GORELIK, Adrian. A Produção da cidade latino-americana. *Tempo Social: Revista de sociologia da USP*. v. 17, n. 1, 2005.
- ²³ SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- ²⁴ BENEVOLO, Leonardo. O Ambiente da revolução industrial. In: *História da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 551-573.
- ²⁵ SARLO, Beatriz, Op. Cit. 2010.
- ²⁶ RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- ²⁷ SANTOS, Eva Cristina F. Rosa dos. Pensar, Escrever e Publicar: Fontes e abordagens para uma história intelectual no Brasil do século XX. Goiânia: Universidade federal de Goiás. 31 de ago. de 2016. Notas de Minicurso.
- ²⁸ DRUMMOND; BANDEIRA apud LUCA, Tânia Regina de. *Leituras, Projetos e (Re)vista(s) dos Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- ²⁹ VILLAÇA, Flávio. *Espaço Intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.
- ³⁰ VILLAÇA, Flávio. *Espaço Intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.
- ³¹ A lista dos paulistas não se encerra nesses nomes, mas não daremos muita ênfase nos mesmos neste momento, pois o intuito deste artigo é mostrar aquelas localidades que não são muito referenciadas ou pensadas quando se aborda o tema da Antropofagia.
- ³² BOPP, Raul. Op. cit., p. 95.
- ³³ VILLAÇA, Flávio. Op. Cit., 2001.
- ³⁴ REZENDE, Antônio Paulo. Cidade e Modernidade: Os Registros históricos do amor e da solidão no Recife dos anos 1930. In: *História: Cultura e sentimento: Outras histórias do Brasil*. Recife, Edufpe, 2008, p. 45-73.
- ³⁵ REZENDE, Antônio Paulo. Op. Cit., 2008.
- ³⁶ TEJO, A. de Limeira. O nordeste do Sr. Palhano. *Revista de Antropofagia*, n. 7, nov. 1928, p. 2.
- ³⁷ FILHO, Antônio Luiz Macedo e Silva. *Fortaleza: Imagens da cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2004.
- ³⁸ AZEVEDO, Sânzio de. O Advento do modernismo na poesia cearense. In: FIUZA, Regina. *Modernismo: 80 anos I*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2002.